

Pe. Fábio de Melo

ORFANDADES



Planeta

O destino *das* ausências

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Padre Fábio de Melo, 2012
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2012, 2013, 2018.
Todos os direitos reservados

Preparação: Norma Marinheiro
Revisão: Tulio Kawata e Carla Fortino
Diagramação: Anna Yue
Capa: Rafael Brum
Imagem de capa: Blackstation / Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M485o

Melo, Fábio de

Orfandades : o destino das ausências / Fábio de Melo. - 3. ed. - São
Paulo : Planeta, 2018.

ISBN 978-85-422-1405-5

I. Ficção brasileira. I. Título.

16-34741

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)-3

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21ª andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Não há cuidado humano que seja capaz de nos privar do desabrigo da existência. A alma, mesmo quando alegrada nos rodopios intermitentes da vida, ou abraçada pelos que dela se enamoram, sabe-se misteriosamente solitária. É a precariedade da condição, o limite original que nos expõe ao desacontecimento, degrado que nos faz provar o crepúsculo das horas, o derradeiro grito, o que nunca se escuta acompanhado.

Eu andei pelos subterrâneos do mundo. Ousei ver de perto o desconforto dos que não negligenciaram o assombro dos breus. Deite a toalha branca sobre a mesa. A crueza literária está posta. Este livro é filho das saudades.



Para o Everson Roberto de Carvalho,
irmão que no tardio da fraternidade chegou à minha vida,
tempo em que minha mãe já não era capaz de parir meninos.





Quando a porta se abriu, pude ver o redondo do rosto a receber delicada moldura de luz. Era minha mãe. Olhou-me como se desejasse reconduzir-me ao ventre e num sussurro pronunciou: “Dorme com Deus, meu filho!”. Depois fechou a porta e se foi. A oração da fala roçou com leveza materna a pele frágil de minha insuficiência humana. Naquela hora, um só pensamento me ocorreu: a certeza de minha orfandade.



Planeta



Sumário

Mãe órfã	13
Mãe morta	21
A dama do açude	27
A escolhida	37
Sem escatologia	45
A consagrada	53
Naquele canto de mundo	59
O vestido da herança	67
Madame Gerúndia	73
Pai de poeira	83
O velório	89
A mulher acabada	99
O não lugar	107
O mapa	113
Alma sob sombras	123
Um tesouro em vaso de barro	131
As ausências do mundo	139
O desapontamento do amor	145
O outro lado	151



Mãe órfã

Cerrei a porta. Por ora quero a ilusória proteção das chaves. Um breve esquecimento do mundo é direito que julgo merecer. Acomodada numa cadeira ao canto da sala, percebo o movimento do tempo. No agora que de mim se despede ouço os ruídos de sua ação. É a construção do antigamente. Mãos ardilosas rendilhando as paredes da vida, decorando com detalhes tristes o que um dia será memória.

Convoco as saudades. Coloco-as sobre a mesa. Fotografias, roupas, detalhes simbólicos do corpo que agora está privado de respiro. As saudades são enganosas. Provocam a ilusão de que o acontecido desacontece. A cena trágica se reencontra com o anterior do tempo. Mostra-se não acontecida, como se pela contemplação da matéria eu pudesse retroceder os territórios do não consumado, quando a madrugada ainda não havia lançado vestígios de sua chegada e o asfalto ainda permanecia virgem, sem o desconcertante desenho carmin que o sangue derramado lhe inscreveria.

Mas a realidade prevalece. O corpo de minha continuidade humana já está sangrado. Dele nunca mais esperarei retorno. Está sepultado, inerte, mergulhado na sombra fria que o sepulcro condensa. O corpo filial finalizou seu tempo de sorrir, pedir favores, padecer de febres, tremer medroso,

solicitar colo, alimentar desejos. Um corpo agora sem fome, sem urgências, sem esperas, sem destino.

A camisa vermelha é guardiã de memórias. O cheiro da pele ainda visita o tecido. Eu presenciei a dúvida. Sentada na cama, acompanhava sua pressa. Eu observava a organização da bagagem. Entre uma roupa e outra, fazia questão de esconder medicamentos de primeira necessidade. Sabia da indisposição dele para com esses meus cuidados. Procurava o artifício do amor que ama, mas sem fazer pesar minha imposição.

A camisa vermelha já estava no corpo, mas, de repente, a dúvida. Havia ganhado da namorada uma camisa azul. Abriu o embrulho no momento em que já estava vestido de vermelho. Seria uma maneira de demonstrar que tinha gostado, pensou. Estava crente da grandeza daquele pequeno gesto. Considerando justo o argumento, ajudei-o a resolver o conflito. Vestido de azul, despediu-se de mim. Atravessou a pequena distância da sala e varou o escuro do corredor que o levaria até o portão principal. Os amigos o esperavam. Da janela da sala, pude ainda acenar-lhe uma última vez. O sorriso largo emprestava luz à penumbra do ambiente. Foi a derradeira vez que nos vimos.

No vazio da sala, senti a enormidade de sua ausência. Era a primeira vez que sem ele eu ficava. Vê-lo partir me fazia pensar em quanto éramos plurais. Vivíamos um para o outro. A morte prematura do pai estreitou ainda mais nossa pertença. Assim que o portão se fechou, uma solidão silente tomou conta da casa. Foi então que percebi que nós exercíamos distintas funções naquele espaço. Da casa, eu era os olhos. Ele,

a voz. A trilha sonora de nossa vida era composta por ele. Sempre fora assim. Expansivo, falante, descansava-me da necessidade da festa que o gesto promove. Eu me ocupava dos olhares que o amor exige. Minha natureza melancólica, mas não triste, colocava-me no posto de sentinela. Ele sabia que podia contar com minha fiel observância. Sabia que enquanto ele se aventurava na composição de nossa trilha sonora, eu estaria cuidando dos detalhes que aos olhos pertencem.

O vazio da sala revelou-me tudo isso, como se uma lente amplificasse a minudência dos dias e a pequenez do vivido alcançasse uma grandeza que só a temporária desmaterialização do vínculo poderia oferecer. A viagem de Leonardo era essa pausa. Vê-lo partir sozinho fez-me tocar a insuficiência de minha condição materna. Aquela curta distância percorrida entre a sala da despedida e o carro que o esperava era reveladora. Era o corte do cordão.

O homem bonito que naquela noite partia portando liberdade e autoconfiança fora outrora um menino medroso em meus braços. Eu o segurei pela mão. Acompanhei de perto seus primeiros passos. Encorajei-o para as primeiras descobertas. O corpo forte e destemido na camisa azul já havia buscado meu colo por temer bruxas e vampiros. Foi em seus ouvidos que depusitei minha voz reparadora. Quando o escuro do mundo ameaçava-lhe a segurança, era a mim que ele buscava, deseioso de receber um fio de luz. Foi assim que o vi partir, como se de seus bolsos caíssem mistérios e revelações preciosas. Como se pelo estreito caminho tivesse ficado uma escritura sagrada, letras dispersas que a solidão do instante me fez reunir.

Nas últimas horas da madrugada chegou-me a notícia pela voz trêmula de Gabriel, o amigo que o convidara para a viagem. A voz chorosa ao telefone não buscou o curativo de rodeios. Contou-me depressa, como se ansiasse livrar-se do fardo que o sufocava. “O Leonardo morreu.” A frase era curta. O significado, não. O carro desgovernado chocara-se contra uma árvore. A lateral que Leonardo ocupava fora atingida. Um golpe duro, fatal, que não lhe ofereceu segunda chance.

A notícia me doeu na carne. Rolei pelo chão do quarto acometida pelas mesmas dores que o expulsaram do meu ventre vinte e três anos antes. As dores da morte eram as mesmas que as do nascimento. As contrações naturais que encaminharam o meu menino ao mundo estavam de volta. Retornavam os dolorosos movimentos dos interiores que não toleram mais o corpo invasor. Mas dessa vez sem o que expelir. Doíam vazios, doíam ocos, doíam solitários. No nascimento, só a expulsão cessa a dor. O menino que desliza pelas pernas arranca consigo as agonias da carne. Era ele o espinho que magoava o corpo. Mas a mágoa é bem-vinda. Todos sabem. Toda forma de nascimento é um milagre em si. Nascimento é superação de sombras. É quebra de crepúsculo. A contração derradeira acende no temporário dos olhos o definitivo da luz. Expulso o invasor, o hospedeiro é abandonado pela febre. Na morte, o contrário acontece. A expulsão do outro é que alimenta a dor. O menino crescido não desliza no sangue da mãe, mas no seu próprio. Não está mais a proteção materna, a mulher que sangra em benefício do que está chegando. Pelas veias feridas e abertas foge o sangue da origem, esparrama-se

pelo asfalto tudo o que no embrulho do ventre lhe fora dado de maneira amorosa e confidente.

Ao encontrar o destino fatal da curva, Leonardo vestiu-se de sombra, incorporou a escuridão. A comunhão que antes congregava as partes, amarrando num único cordão as pontas de duas existências, na morte se quebrara. Foi assim. O bendito fruto de meu ventre anoiteceu para a vida no momento em que a madrugada já recobrava o direito de rebordar-se de luz. Feliz viajante, mergulhou nas trevas da curva, cessou a aventura humana, os conflitos menores que o encarceravam na dúvida de decidir-se por camisa azul ou vermelha. Morreu entorpecido de esperança. Esperava aquela viagem como o sertanejo espera a chuva: plantando. Um detalhe por dia. Tudo especialmente preparado. Acreditava que a alegria segue a mesma regra das sementes. Germina quando é cuidada. Escolheu destino e paragens, antecipou futuro. Viu mapas, traçou rotas, quis ver o depois pelos olhos do antes.

Leonardo morreu em sua primeira viagem, vagando principiado pelas estradas do mundo que ele tanto desejava desvendar. Morreu meu filho, minha cria, minha arquitetura genética, minha única obra, meu rebento.

O silêncio da casa me sepulta. Não há ninguém solicitando que eu saia de mim. Não há ruídos que sinalizem a necessidade do ritual do cuidado. Nenhuma boca a reclamar alimento, nenhum olhar a implorar-me carinho, nenhum culpado a pedir-me indulto, ninguém em atraso a solicitar-me espera. A minha maternidade avoluma-se sem encontrar aquedutos para que de mim se disperse. O acúmulo no peito

me condena: estou sem função. A partida da cria dissipa o papel da criadora, compreendo. Dissolve o sentido, sepulta o papel. O que é a mãe sem o filho? O filho único está morto. A maternidade se arquiva na memória. Desfaz-se o vínculo que antes a nominava mãe, e a mulher é condenada ao retorno da antiga condição. É a perda do sentido, do significado, agravado ainda mais pela lembrança que se transforma em desassossego.

A morte de meu filho me enclausura num estado de não ser. A curva mergulhada na sombra enlaçou também a minha vida. No corpo esmagado do menino esmaga-se também a imaterialidade que a ele me configurava como matriz. Estou meio morta, meio viva. A parte viva está com ele sepultada. Estou abrigada nos desvãos dos músculos, alojada na memória da carne que aos poucos se mineraliza. A parte morta ainda habita e caminha por esta casa.

Chove agora. Desce do céu uma abundância de água. Chove como no passado, na noite em que Leonardo chegou ao mundo. É viva a memória. O choro alto, inaugurador da existência, provocou o sorriso mais sincero que meus lábios já puderam desenhar. Recebi no colo o filho de minhas entranhas. Os pequenos olhos já sabiam me olhar. O amor não requer apresentações. Sabe-se na carne. Abracei com ternura o corpo que preparei dentro mim. Senti naquela pequena estrutura viva o calor de minha profundidade. Ele era o meu menino. Mas, na tarde do meu calvário, o corpo abraçado estava imerso na friagem que a morte provoca. O meu menino fora silenciado. O mesmo que sempre falava por mim enquanto eu

via o mundo por ele. O menino que Deus tomou pela mão e conduziu para ser mais uma voz no seu céu de muitas vozes. Por este Deus aqui espero. É certo que um dia Ele virá. Sua sensatez o trará até mim. Virá por caminhos que desaprendi, ou que fiz questão de esquecer, não sei. Aprendi desde muito cedo que nenhuma folha se desprende da árvore sem que Ele o permita. Pois bem, se nessa fala há a prevalência da verdade, devo então entender que meu filho morto passou pelo mesmo crivo decisório. Se assim o for, eu espero que Deus venha bater à minha porta e humildemente suplique o meu perdão.



Planeta